

A noiva da selva

RAUL PILLA

IGNORANTE, como sou, de etnologia e imbuído, que estou, do preconceito da igualdade potencial das raças humanas, no seio das quais se podem encontrar os mais negros abismos e os mais luminosos cumes, nunca pude compreender os motivos que impediriam o casamento da índia Diacuí com o sertanista branco. Não quero dizer com isto que eles devessem casar, pois esta é a matéria que só os interessados diretos podem resolver; penso apenas que poderiam casar, se o quisessem. Afinal, uma índia, por ter a pele vermelha, não deixa de ser mulher, e muitas brancas se conhecem inadequadas ao matrimônio.

Entretanto, já estou começando a dar razão à repartição que a seu cargo tem proteger os aborígenes. O que se está a fazer agora com a noiva das selvas, nesta maravilhosa cidade do Rio de Janeiro, é simplesmente insensato. Não a estão civilizando, pois isto não se poderia fazer em semanas; mas a estarão pervertendo, se o instinto da selva não fôr nela mais forte que a ofuscação dos sentidos. A índia já não será a mesma, depois de lhe terem oferecido o que de mais refinado tem a vida urbana, e muito temo eu que o sertanista tenha perdido a sonhada companheira para a sua áspera e aventureira vida.

Se quiser casar com Diacuí e o permitir o Serviço de Proteção aos Índios, case; mas consiga, primeiro, um bom emprego no Rio...

NOTA — No comentário de ontem ocorreu, entre outros, um erro tipográfico, que, quando menos, tornou obscuro o período. Leia-se: «E, aceita semelhante terapêutica, a outras circunscrições (não circunstâncias) se devera ela estender».